

Editorial

Este é o primeiro número temático de nossa revista. Ele resultou da generosa colaboração de Tania Dauster, professora emérita do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio, que integra uma rede de pesquisadores que articulam Antropologia e Educação.

No final de 2011, solicitamos aos professores do Programa que fizessem uma chamada pública aos seus parceiros de pesquisa, convidando-os a enviar textos para a composição de um número temático. Esta chamada resultou em um significativo contingente de artigos, de distintas áreas de conhecimento, entre os quais foram selecionados, pelo Comitê Editorial da revista, os textos que integram a presente edição, que tem como foco as relações entre Antropologia e Educação.

No texto de abertura desse número, Tania Dauster apresenta e analisa as interfaces entre antropologia e educação, a partir de sua experiência como uma antropóloga que atua na formação de professores e de pesquisadores dentro de um departamento de educação. Para ela, as interfaces entre essas áreas de conhecimento são construídas principalmente nas leituras, problematizações e no exercício do trabalho de campo, focado no ponto de vista do universo estudado. “Entre alteridades, olhares, escutas, percepções das diferenças e significados, relativizações (ibid,1998), se forja a epistemologia de pesquisa”. Na perspectiva da autora, o olhar antropológico enriquece o pesquisador e oferece ao professor recursos para analisar a heterogeneidade e a diversidade sociocultural dos alunos, “abandonando uma postura etnocêntrica que faz do ‘diferente’ um inferior e da diferença uma ‘privação cultural”.

Ana Vieira, também pesquisadora do CIID, discute em seu texto a patologização da diferença, a partir de resultados de pesquisa que analisa o modo como professores e diretores de escolas públicas portuguesas concebem a prática de equipes multidisciplinares, que atuam como mediadoras sociopedagógicas em Territórios Educativos de Intervenção prioritária (TEIP).

Portugal vem criando políticas de discriminação positiva, aplicando-as em um território específico. “No panorama da educação, a territorialização política é, no presente, uma forma de articulação entre o Estado e o local, para a concretização de ganhos em relação à qualificação de jovens e adultos”, configurando-se, neste caso, os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), agrupamentos de escolas que reivindicam ações específicas de apoio às atividades pedagógicas. A pesquisa analisa a percepção que os profissionais das escolas têm do trabalho das equipes de apoio, especialmente dos GAAF — Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família — vinculados ao Instituto de Apoio à Criança.

Amurabi Oliveira, da Universidade Federal de Alagoas, apresenta resultados de pesquisa realizada com professoras da rede pública de três estados do Nordeste, tendo como foco o modo como elas lidam, em suas práticas docentes, com a diversidade cultural presente na

sala de aula. O autor toma a antropologia como sua base de análise para compreender como essas professoras se situam na vivência multicultural da realidade escolar, na medida em que precisam atuar, naquele contexto, não apenas como mediadoras educacionais, mas também como mediadoras culturais, dirimindo conflitos e tensões, relativizando posturas e papéis assumidos no universo escolar.

Ricardo Vieira, pesquisador do *Reserch Centre for Identiy(ies) and Diversity(ies)* (CIID), vinculado ao Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal, analisa, em seu texto, o papel desempenhado pela Antropologia na formação de professores. Analisando a diversidade cultural frente à imposição, pela escola, de um código linguístico hegemônico, o autor considera a uniformidade do contexto escolar — monocolor e monocultural — como um dos principais fatores ligados à “hecatombe de algumas crianças no processo educativo”. Assinala que este é um problema a ser enfrentado pela escola, que precisa “enveredar por um processo educativo intercultural”. Para Ricardo Vieira, a antropologia da educação oferece à formação de professoras algumas das bases necessárias para levar a cabo essa mudança.

O artigo de Anderson Tibau, da Universidade Federal Fluminense, apresenta resultados de etnografia do cotidiano de professores do ensino superior, que analisa o processo de construção de práticas leitoras e as relações entre técnicas corporais e *habitus* leitor, em diálogo com obras de Marcel Mauss e de Roger Chartier. Segundo Tibau, a condição de leitor é “aprendida e incorporada pela interação e convívio com a leitura, pela aquisição do capital simbólico no âmbito familiar, seguindo um fluxo onde se acumulam montagens e remontagens, também simbólicas”. Trata-se da construção pessoal de uma *habiliis*, uma nova/outra técnica de leitura, um novo/outra modo, uma nova/outra prática, um acervo de técnicas adquiridas, representações e práticas, que configura o *habitus* leitor.

Esperamos que este número temático contribua para a já tão profícua aproximação entre Antropologia e Educação, tanto no contexto da pesquisa educacional quanto da prática docente.

Dezembro de 2011

Rosália Duarte

Alícia Bonamino

Editoras